

Os parques eólicos no espaço rural: impactes na experiência dos visitantes

ANA JOÃO GASPAR DE SOUSA * [anajoao@ua.pt]

ELISABETH KASTENHOLZ ** [elisabethk@ua.pt]

Resumo | Com a crescente importância do turismo como elemento-chave capaz de promover o desenvolvimento socioeconómico e valorizar as áreas rurais, há que considerar os possíveis impactes nesses territórios, resultantes da competição pelo uso dos “bens comuns” com outros sectores de atividade em expansão no espaço rural, caso da exploração da energia do “vento” em parques eólicos. Com este trabalho iremos investigar quais as perceções dos visitantes acerca da presença destes elementos num destino turístico. Procuramos, assim, compreender o potencial de integração do sector do turismo com o das energias renováveis, no sentido de valorizar, de uma forma sustentável, os recursos naturais existentes. Tal poderá contribuir para criar novas oportunidades ao nível da oferta turística local e para melhorar a experiência turística rural. Os resultados deste estudo qualitativo exploratório, pioneiro em Portugal sobre esta temática, sugerem que, de momento, os parques eólicos parecem ser percebidos como elementos neutros num destino rural – caso da aldeia histórica de Linhares da Beira - não revelando ter particular influência na experiência turística dos visitantes.

Palavras-chave | turismo rural, experiência turística, parques eólicos, aldeia histórica.

Abstract | With the growing importance of tourism as a key element capable of promoting and enhancing the socio-economic development of rural areas, the possible impacts on the territories must be considered, due to competition regarding the use of the “common goods” with other activity sectors increasingly present in the rural areas, such as in the case of wind energy exploitation in wind farms. With this paper we will investigate which are the visitors’ perceptions regarding the presence of these elements in a tourist destination. In this way we try to understand the integration potential of the tourism sector with that of renewable energies, in order to set value, in a sustainable manner, into the existing natural resources. This might contribute to create new opportunities in the local tourism supply and to improve the rural tourism experience. The results of this exploratory qualitative study, the first on this subject in Portugal, suggests that, at the moment, wind farms seem to be perceived as neutral elements in a rural destination – visible in the case of the historic village of Linhares da Beira - revealing not to have a particular influence on the visitors’ tourist experience.

Keywords | rural tourism, tourist experience, wind farms, historical village.

* **Mestranda em Gestão e Planeamento em Turismo** na Universidade de Aveiro, **Licenciada em Biologia** pela Universidade de Aveiro e **Bolseira** de Investigação no Projeto de Investigação intitulado “*The overall rural tourism experience and sustainable local community development*” (PTDC/CS-GEO/104894/2008).

** **Doutorada em Turismo** pela Universidade de Aveiro, **Professora Auxiliar** do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro, **Membro** da Unidade de Investigação GOVCOPP, e **Coordenadora** do Projeto de Investigação intitulado “*The overall rural tourism experience and sustainable local community development*” (PTDC/CS-GEO/104894/2008), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (cofinanciado pelo COMPETE, QREN e FEDER).

1. Introdução

Associadas ao fenómeno da globalização, várias mudanças socioeconómicas e ambientais têm intensificado o processo de reestruturação das áreas rurais em diversos países, incluindo Portugal. Estes espaços têm vindo a ser valorizados numa perspetiva de multifuncionalidade, assente na combinação de atividades e funções tradicionais com novas vertentes como a proteção do ambiente, a manutenção da paisagem, a preservação de valores socioculturais, o desenvolvimento recreativo e turístico, numa abordagem de “consumo” do meio rural (Figueiredo 2003; Fløysand e Jakobsen, 2007).

Neste contexto, o turismo tem sido ativamente promovido como uma possível solução para os problemas económicos do espaço rural (Alter, 2007), áreas fragilizadas que sofrem, normalmente, com o declínio da atividade agrícola, a escassez de alternativas de emprego e o despovoamento (Bergmann *et al.*, 2008). Porém, o alavancar do desenvolvimento socioeconómico deverá ser sustentável, pelo que o turismo deverá contribuir para o uso racional dos recursos, proteção do meio ambiente e promoção do bem-estar das comunidades locais (Lane, 2009; Saarinen, 2006; Saxena *et al.*, 2007).

Todavia, no espaço rural interagem uma multiplicidade de *stakeholders* com práticas diferenciadas e interesses distintos, por vezes conflituantes, ao nível do uso do solo, da utilização dos recursos, entre outros (Silva e Perna, 2009). Deste modo, o seu carácter multifuncional poderá constituir quer uma oportunidade quer um constrangimento para o desenvolvimento turístico. O sector energético constitui um dos sectores de atividade económica que “compete” com o turismo pela utilização dos recursos naturais do território, caso dos projetos de parques eólicos para exploração económica da energia do “vento”, fortemente apoiados por políticas europeias e nacionais.

Como os recursos naturais constituem, geralmente, o núcleo do produto e da experiência turística (Sharpley, 2009), sobretudo no contexto do

turismo rural e de natureza, é necessário considerar os possíveis impactes resultantes da presença destas infraestruturas num destino rural. Apesar da contínua expansão em Portugal, e do facto das zonas de maior potencial eólico se situarem, frequentemente, em regiões rurais montanhosas, Afonso e Mendes (2010) salientam que tem sido insignificante o debate público sobre os seus efeitos ambientais, sociais e estéticos. No geral, poucos estudos empíricos analisaram o impacto destes projetos nas perceções e experiências dos visitantes (Van der Horst e Lozada-Ellison, 2010), sendo também desconhecido qualquer estudo realizado em Portugal sobre esta temática.

Este estudo pretende dar a conhecer alguns resultados preliminares relativos à aldeia de Linhares da Beira, derivados de uma investigação empírica em curso, elaborada no âmbito da disciplina de Estágio/Projeto - Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo - tendo como questão de partida: “*Qual o papel dos recursos naturais na experiência turística em espaço rural, e de que forma a sua exploração pelo Homem - caso da energia do ‘vento’ através dos parques eólicos - poderá influenciar as perceções, atitudes e experiências dos visitantes nos espaços rurais?*”. A relevância do tema assenta na possível contribuição para a definição de estratégias que promovam a constituição de um produto turístico rural diversificado, que conjugue a utilização dos recursos naturais para fins turísticos com outras dinâmicas/estratégias de desenvolvimento presentes nas áreas rurais – os parques eólicos. O estudo enquadra-se num projeto de investigação mais amplo intitulado “*The overall rural tourism experience and sustainable local community development*” (ORTE) (PTDC/CS-GEO/104894/2008), iniciado em 2010 e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (cofinanciado pelo COMPETE, QREN e FEDER), que procura analisar, de forma integrada e multidisciplinar, a “experiência turística rural” em três comunidades rurais portuguesas, através da abordagem a turistas, população e agentes locais, visando o desenvolvimento sustentável destes territórios (Kastenholz, 2010).

O artigo, estruturado em cinco secções, inicia com uma reflexão sobre a experiência turística rural, o sector da energia eólica no meio rural e os seus impactes na perceção e experiência dos visitantes. Segue-se a apresentação da metodologia aplicada, resultados obtidos, discussão e possíveis implicações para o marketing do destino.

2. A experiência turística rural

Atualmente ainda não existe uma definição consensual para o conceito de “turismo rural”. Tal deve-se quer à dificuldade em definir o “rural” no contexto dos países desenvolvidos do século XXI, dada a diversidade e especificidade que caracteriza estes espaços, quer às transformações económicas e socioculturais a que têm sido sujeitos (Valente e Figueiredo, 2003). Segundo Lane (1994), idealmente, o turismo rural deve estar localizado em áreas rurais, ser “funcionalmente” rural, ter pequena dimensão, apresentar um carácter tradicional e um crescimento gradual, e ser controlado pela comunidade local. Nesse sentido, a natureza multifuncional das zonas rurais assume particular relevância em termos da procura e da oferta turística e recreativa. Desta forma, tem crescido o interesse sobre o potencial do turismo rural para alavancar um desenvolvimento rural sustentável, no sentido de criar oportunidades de emprego, incrementar os benefícios económicos locais, proteger e promover os recursos naturais e culturais (McAreevey e McDonagh, 2010). Esta perspetiva evidencia a necessidade de um “turismo rural integrado”, que coordene e integre recursos e *stakeholders* ao nível local, de forma a alcançar um desenvolvimento turístico sustentável que a todos – procura e oferta – beneficie a longo prazo (Saxena *et al.*, 2007).

Do lado da procura, indivíduos oriundos de meios urbanos têm revelado um interesse progressivo pelo contacto com a natureza e o espaço-campo, em busca de novas atividades desportivas, de autenticidade, de novas relações sociais ou de novas formas de usufruir o seu tempo livre (Alter, 2007). Isto evidencia uma

tendência para associar o meio e paisagem natural ou rural a uma melhor qualidade de vida (Valente e Figueiredo, 2003). Esta perceção do espaço rural, por contraste com o “meio citadino”, como cenário de “regresso à natureza” e/ ou lugar idílico assenta na crescente valorização e preocupação social com o ambiente (Figueiredo, 2003) e seus recursos. Elementos essenciais na cadeia de valor do turismo rural, os recursos endógenos englobam o que Garrod *et al.* (2006) designaram de “capital rural”. Segundo estes autores, o conceito integra princípios de economia ecológica com uma perspetiva holística do uso sustentável dos recursos a curto prazo, visando o bem-estar humano a longo prazo. Na criação de uma experiência global complexa – caso da “experiência turística rural” (Kastenholz, 2010), a qualidade da experiência em turismo rural irá depender da qualidade dos ativos de “capital rural” que sustentam a mesma (Garrod *et al.*, 2006). Desta forma, a natureza e o alcance das experiências oferecidas num destino [rural] irão determinar o “valor” do mesmo (Oh *et al.*, 2007) num mercado global competitivo.

A experiência turística é, então, um fenómeno complexo e multidimensional. O tipo de respostas emocionais geradas no visitante irá ser influenciado por elementos do domínio multisensorial e por imagens cognitivas derivadas do seu próprio conhecimento cultural [e ambiental] e compreensão do contexto histórico-cultural [e biofísico] da paisagem (Chhetri *et al.*, 2004). Mas, igualmente, da sua compreensão das dinâmicas evolutivas de um destino, como o aparecimento de parques eólicos em espaços rurais.

3. Os parques eólicos e a experiência turística rural

3.1. O sector da energia eólica no meio rural

A energia eólica é o sector, no contexto das energias renováveis, que regista a maior dinâmica de crescimento a nível mundial (Cassin e Zolin, 2009).

Estes autores referem que este tipo de energia é visto como possível solução para os problemas de isolamento e desvantagens socioeconómicas de áreas remotas e rurais em diversos países, pois poderá proporcionar um fornecimento sustentável de energia elétrica e serviços às populações, bem como benefícios ambientais e socioeconómicos. Contudo, para que possa contribuir para uma melhoria da qualidade de vida das comunidades locais é necessário que seja integrada nos processos estratégicos e dinâmicas existentes.

Portugal, enquanto Estado-Membro da União Europeia, e visando cumprir os objetivos estabelecidos pela Diretiva das Energias Renováveis (2009/28/EC), delimitou metas de incorporação de energia de fontes renováveis no consumo energético final do país, prevendo-se que na produção de eletricidade, em 2020, o contributo da energia eólica seja de 30% (APREN, 2010:9-11). Assim, a nível nacional, o investimento em energias renováveis, em especial na energia eólica, constituiu uma das principais apostas na política do anterior Governo (entre 2005-2011), no contexto do “Plano Tecnológico”. Alguns dos benefícios salientados pelos meios de comunicação social da altura foram os benefícios económicos, derivados das rendas de aluguer dos terrenos, para os municípios rurais do interior e proprietários de terras quase abandonadas e pouco produtivas (Afonso e Mendes, 2010). Todavia, no âmbito do turismo rural, é desejável analisar, sob uma perspetiva de investigação científica, os potenciais impactes resultantes da crescente presença do sector da energia eólica no espaço rural.

3.2. Impactes dos parques eólicos na perceção e experiência dos visitantes

A energia eólica é normalmente aceite como uma forma de energia “limpa”, não emissora de gases com efeito de estufa (Cassin e Zolin, 2009). Contudo, este tipo de energia renovável tem, como qualquer recurso energético, algum tipo de impacto negativo, ao nível ambiental ou social. Alguns dos

impactes mais referidos na literatura, resultantes da sua exploração através de parques eólicos/ aerogeradores são, por exemplo, os visuais (no contexto específico da paisagem), os sonoros, os impactes na avifauna e quirópteros, outros impactes ambientais (por exemplo, na utilização do solo, na flora, etc.), a interferência eletromagnética, no sector do turismo, entre outros (ver, por exemplo, Coelho, 2007; Devlin, 2002; Frantál e Kunc, 2011; Wolsink, 2007). Alguns destes impactes têm sido avaliados através dos instrumentos preventivos de planeamento disponíveis, caso dos processos de Avaliação de Impactos Ambientais (ver, por exemplo, Coelho, 2007). Já outros têm sido analisados sob uma perspetiva social, tendo por base as atitudes e perceções do público para com os projetos de parques eólicos (ver, por exemplo, Wolsink, 2007).

A avaliação do impacto visual dos projetos de energia eólica nos valores da paisagem é um dos itens mais determinantes para a compreensão das opiniões do público (Wolsink, 2007). Segundo Cassin e Zolin (2009), aspetos como a altura dos aerogeradores, a localização, a quantidade, as suas cores, os materiais e o tipo de iluminação utilizados são os principais fatores que podem influenciar a magnitude do impacto visual, em especial, em áreas ricas em valores naturais e culturais. Este é frequentemente o caso das áreas rurais. Contudo, a perceção tem implícito um elevado grau de subjetividade (Eysenck e Keane, 1990), originando opiniões diversas sobre o impacto visual destes elementos na paisagem de um destino. Os aerogeradores podem ser vistos como objetos padronizados, com carácter industrial/ urbano, encontrando-se assim “deslocados” na paisagem rural, ao mesmo tempo que representam valores ecológicos e formas de produção de energia não poluentes (Nadaï e Van der Horst, 2010). Podem ser símbolos de “progresso” ou, então, de um “regresso ao passado”, numa associação aos tradicionais “moinhos de vento” (Devine-Wright, 2005).

As paisagens apresentam um carácter dinâmico, consequência dos processos naturais e/ ou humanos a que estão sujeitas (Devlin, 2002), sendo assim um

conceito complexo e multifacetado. Como refere Short (2002), a interpretação das paisagens resulta da combinação das imagens transmitidas pelos meios de comunicação social com as próprias memórias e associações do indivíduo. Segundo o autor, esse processo subjetivo e seletivo é consequência de uma comparação subconsciente entre a realidade que se apresenta diante deste com esses ideais, levando o indivíduo a experienciar uma sensação de perda e de insegurança caso haja dissonância entre elas.

Assim, a implantação de projetos de energias renováveis em áreas rurais, para além de impactes diretos nas comunidades locais, pode ter impactes indiretos nos habitantes urbanos devido às alterações no meio ambiente que irão experienciar durante a sua passagem ou visita às áreas rurais (Bergmann *et al.*, 2008). Segundo Devlin (2002), tem sido demonstrado que os visitantes de origem urbana revelam uma menor disposição para aceitar elementos intrusivos na paisagem rural, contrariamente aos indivíduos que residem permanentemente no meio rural, mais dispostos a aceitar/ apoiar a introdução de aerogeradores nas áreas rurais. No contexto do turismo, autores como Fleischer e Tchetchik (2005) salientam que os visitantes estão dispostos a pagar mais por alojamento localizado em áreas atrativas, detentoras de belas paisagens e com uma abundância de atividades turísticas. Importa então identificar quais as preferências do público relativamente à expansão dos projetos de energia renovável em áreas rurais (Bergmann *et al.*, 2008), como é o caso dos parques eólicos.

Devine-Wright (2005) afirma que diversas sondagens de opinião têm revelado níveis elevados e estáveis de apoio público à energia eólica, comparativamente a outros tipos de recursos energéticos. Em Portugal, segundo um estudo da Comissão Europeia, 70% (dos 1000 portugueses inquiridos) referiram ser a favor da energia eólica, 12% não eram a favor nem contra e 2% opunham-se ao seu uso (European Commission, 2007). Segundo a APREN (2010:79-80), os benefícios económicos ou ambientais para

o país e o facto da presença das aerogeradores nas serras ser, até há pouco tempo, relativamente dispersa permitem que a visão geral seja positiva. Contudo, referem que esta perspetiva poderá vir a sofrer alterações tendo em conta a proliferação dos aerogeradores e crescente escassez de locais com potencial eólico.

No caso específico dos parques eólicos existentes ou planeados para destinos turísticos, as sondagens de opinião efetuadas à população local e aos visitantes têm procurado analisar e prever possíveis impactes no sector do turismo, relativamente a aspetos como a atratividade do destino, as receitas turísticas, entre outros (ver, por exemplo, Aitchison, 2004). No que concerne a estudos empíricos, poucos foram os até hoje realizados visando estudar as opiniões dos visitantes relativamente à influência dos parques eólicos na experiência turística (Van der Horst e Lozada-Ellison, 2010). De um modo geral, quer os resultados dos estudos empíricos (ver, por exemplo, Frantál e Kunc, 2011) quer os das sondagens de opinião parecem sugerir que a maioria dos visitantes perceciona os parques eólicos como elemento neutro ou positivo, que não afeta a sua decisão de visitar ou de regressar a determinado destino, nem a sua experiência turística. Nalguns casos, podem ser até vistos como uma atração turística. Embora limitada, a evidência atual é de que os parques eólicos não parecem ter mais do que impactes localizados e de pequena dimensão no turismo (Van der Horst e Lozada-Ellison, 2010; Warren e Birnie, 2009).

Uma boa gestão do destino turístico e a aposta na consciencialização/ informação dos visitantes poderão levar a que estes elementos “estranhos” na paisagem complementem os atributos naturais existentes (Deng *et al.*, 2002), contribuindo para melhorar a experiência turística. Deste modo, numa perspetiva de desenvolvimento sustentável e de um turismo rural integrado, parece fazer sentido o tentar conciliar as atividades do sector com outras dinâmicas presentes no espaço rural - caso dos parques eólicos. Tal poderá permitir explorar novas configurações de produtos/ atividades que valori-

zem, de forma sustentável, os recursos endógenos e aproveitem o seu potencial segundo as novas tendências da procura turística (Lane, 2009).

4. Metodologia da investigação

Como referido anteriormente, este trabalho enquadra-se no projeto ORTE, que prevê a aplicação de metodologias qualitativas e quantitativas na análise da experiência turística integral em meio rural. Considerando a questão de partida referida no ponto 1 e um dos objetivos específicos do estudo – “*compreender e descrever as perceções de visitantes, residentes e agentes locais para com parques eólicos nas proximidades das aldeias de Linhares da Beira (Aldeia Histórica de Portugal) e Janeiro de Cima (Aldeia de Xisto)*”, procurou-se analisar o potencial impacte para a experiência turística rural e avaliar o potencial de integração destes elementos num produto turístico rural diversificado, na perspectiva de um desenvolvimento local sustentável. Dada a natureza exploratória do estudo optou-se pela aplicação de uma metodologia qualitativa como forma de melhor alcançar os objetivos propostos. Neste artigo iremos somente analisar as perceções dos visitantes em Linhares da Beira, no contexto da experiência turística rural.

Este trabalho recorre a uma estratégia de investigação abrangente – o estudo de caso – pois baseia-se na recolha e análise de múltiplas fontes de dados (Yin, 2003). Dado que se pretende analisar o fenómeno subjetivo e introspetivo que constitui a “experiência turística” (Cohen, 1979), este estudo tem implícita uma abordagem fenomenológica, no seio do paradigma interpretativista. Assim, a compreensão da forma como os indivíduos atribuem significado às suas ações – “experiências vividas”, e às de terceiros (Schwandt, 2000), permite maximizar a aprendizagem obtida com o caso (Stake, 2000).

Na identificação e caracterização dos parques eólicos existentes na área envolvente à aldeia em

estudo, recorreu-se à análise de documentos vários e à observação *in loco*, efetuando-se o registo fotográfico. Dada a integração deste estudo específico no projeto ORTE, a forma de recolha e o tipo de análise de dados foi coincidente. Assim, na seleção de amostras a partir da população de visitantes (turistas e excursionistas) recorreu-se à técnica de amostragem intencional (*purposive sampling*) como forma de explorar em profundidade a experiência turística rural. A recolha de dados qualitativos teve por base a aplicação de entrevistas semiestruturadas aos visitantes. O guião geral de entrevista do projeto ORTE continha 36 perguntas desenvolvidas com base numa reflexão bibliográfica sobre várias temáticas. Estas abrangeram as avaliações afetivas, cognitivas e sensoriais do destino, as motivações para o visitar, as impressões resultantes e a satisfação global com a experiência de visita, tendo sido refinadas pelos vários investigadores que integram o projeto ORTE (Kastenholz *et al.*, *in press*). A esse guião geral de entrevista foram adicionadas oito questões específicas que permitissem explorar as perceções dos visitantes sobre a energia eólica e os parques eólicos. Estas foram desenvolvidas com base na revisão bibliográfica realizada no âmbito do Estágio/ Projeto, e validadas por investigadores da equipa ORTE. Esta opção possibilitou que alguns dados obtidos através das questões do guião geral (por exemplo, impressões marcantes sobre a aldeia, o domínio multissensorial da experiência, etc.) pudessem ser sujeitos a uma análise comparativa com os obtidos relativamente aos parques eólicos.

Entre abril e agosto de 2011 foram realizadas entrevistas a 34 visitantes (22 portugueses e 12 estrangeiros). Todas as entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo que envolveu a categorização (com recurso ao software WebQDA) e a sistematização dos discursos. Como forma de validar os resultados obtidos durante a categorização e identificação de padrões aplicou-se um processo de triangulação com recurso a diferentes investigadores (Denzin, 2009). Estes investigadores eram conhecedores do fenómeno da experiência turística



Figura 2 | Paisagem em redor de Linhares da Beira (castelo da aldeia no centro da imagem).

A prática comum de implantar parques eólicos em regiões de montanha levou a que o PNSE tenha recebido várias propostas relativas à instalação destas infraestruturas dentro da área protegida (Almeida, 2001). Um dos projetos autorizados foi o Parque Eólico da Serra do Ralo (Figura 3). Este localiza-se a mais de 4 km de Linhares da Beira, de acordo com

o perímetro de segurança definido para os locais de prática de parapente (Jesus e Freire, 2004). Os seus 16 aerogeradores, situados na cumeada da Serra do Ralo, a nascente da aldeia, encontram-se a funcionar desde 2007 (GDF SUEZ, 2011).

Em 2010 foi inaugurado, neste parque eólico, o percurso pedestre “Trilho da Serra do Ralo” (Figura 4),

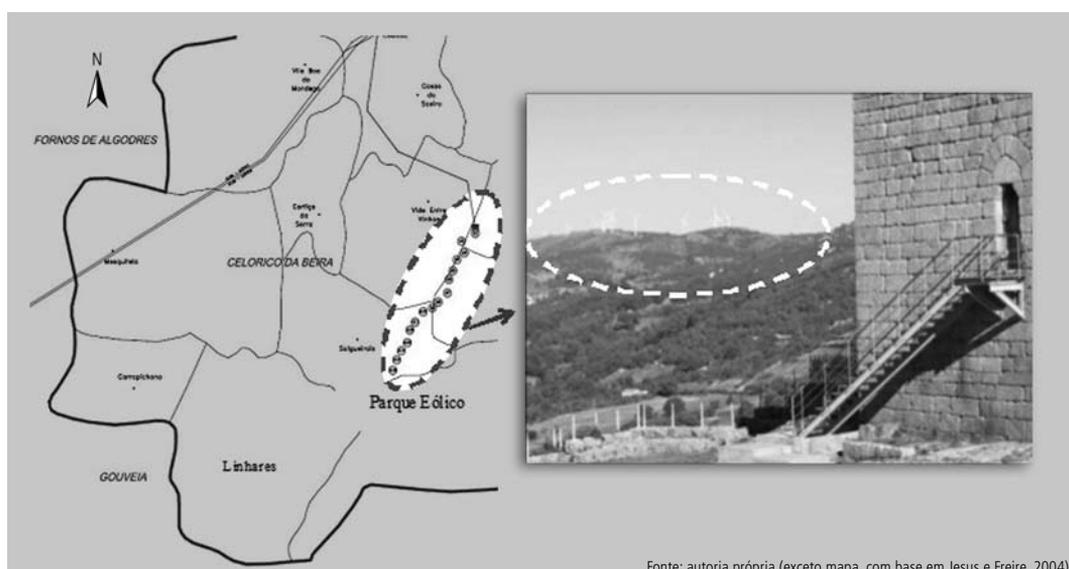


Figura 3 | Localização, e vista do Castelo, do Parque Eólico da Serra do Ralo.

Fonte: autoria própria (exceto mapa, com base em Jesus e Freire, 2004).



Figura 4 | “Trilho da Serra do Ralo” (placa informativa e imagem do dia da inauguração).

visando a promoção do pedestrianismo, a sensibilização do público para as boas práticas ambientais e recursos endógenos da região, a informação sobre a energia eólica, e a criação de um “novo” interesse turístico (GDF SUEZ, 2011).

Relativamente a outras atividades económicas na região regista-se o declínio do sector primário e secundário (ICN, 2005). Este tem sido algo colmatado pelo crescimento do sector terciário, com oportunidade de emprego, em especial, na atividade turística (ICN,

2005). Esta situação é evidente na aldeia histórica onde, nos últimos anos, se verificou o aparecimento de novas infraestruturas turísticas, caso da “Pousada INATEL” ou restaurante “Cova da Loba”, em resposta a um fluxo turístico bastante positivo, maioritariamente constituído por visitantes nacionais. Isto apesar do decréscimo registado a partir do ano de 2002 (Figura 5), talvez um indicativo da necessidade de aposta em novas atividades/ produtos e dinâmicas de gestão e promoção mais eficazes.

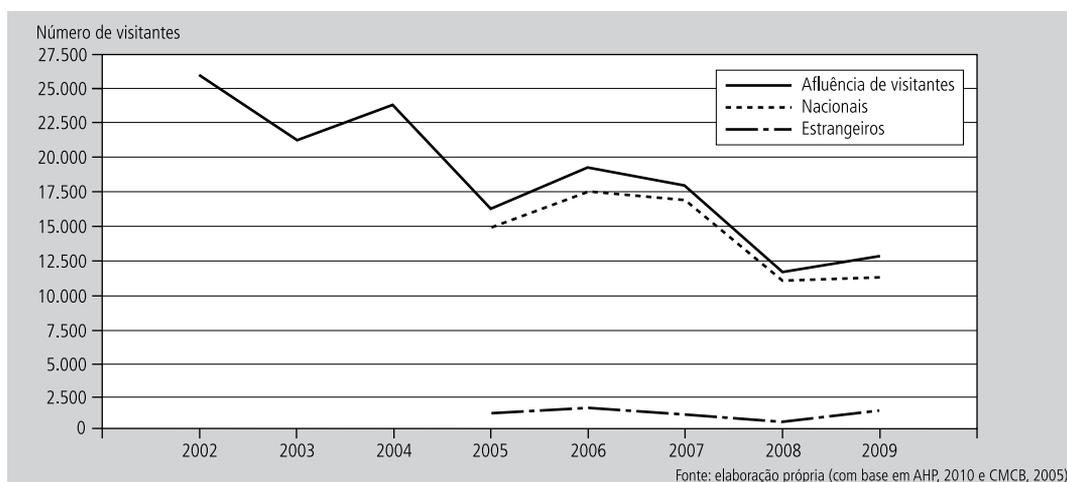


Figura 5 | Afluência turística em Linhares da Beira entre os anos de 2002 e 2009.

5.2. Percepções dos visitantes sobre os parques eólicos

Na Figura 6 podemos observar uma breve caracterização do tipo, género, faixa etária e meio de origem dos visitantes (n=34) em Linhares. No geral, provêm do meio urbano e periurbano (cidades e seus arredores) (n=28) e são excursionistas (n=17), ou seja, não ficam alojados na aldeia ou região envolvente. A amostra de inquiridos revela uma ligeira predominância do género feminino (contudo, em dois casos particulares, os dois membros do casal responderam, apesar de ter sido só registada a caracterização do inquirido do género feminino) e de indivíduos com idades entre os 35 e os 59 anos.

É de salientar que 30 inquiridos possuem habilitação literária acima do 12º ano (na sua maioria, curso superior). Normalmente, o grupo de viagem engloba um casal, com ou sem filhos, mas por vezes outros familiares ou alguns amigos. Os visitantes estrangeiros são oriundos de países como a França (n=4), Grã-Bretanha (n=3), Espanha, Itália, Brasil, Holanda e Bélgica (cada país, n=1).

No total das entrevistas, 29 inquiridos percebem a energia eólica de uma forma favorável e positiva (um deles até como algo *"muito positivo,*

excelente"). Associam-na a um tipo de energia *"renovável"* (n=4), *"limpa"* (n=4), *"alternativa"* (n=4), *"não poluente"* (n=2), *"good thing, ecological"* (n=2); uma *"mais-valia"* (n=1), *"simpática"* (n=1), *"verde"* (n=1), *"sustentável"* (n=1), ou que *"não prejudica o ambiente"* (n=1). Referem ainda que a aposta na energia eólica está *"subaproveitada"* em Portugal (n=2), que *"é o futuro"* (n=2), que *"é melhor do que outro tipo de energia"* (n=1), e que evita o consumo e custos com o *"petróleo"* (n=2) e a dependência energética do exterior (n=1). Nas percepções negativas sobre a exploração eólica, 3 inquiridos (2 dos quais tinham já apontado aspetos positivos) salientam impactes paisagísticos (por exemplo, *"altera a paisagem"*), enquanto um quarto inquirido afirma que *"custo-benefício não compensa"*.

No caso específico dos projetos de parques eólicos, as opiniões mais positivas dos inquiridos referem aspetos como: *"não afeta a paisagem"* ou *"pouco impacto na paisagem"* (n=7); *"doesn't bother me when there are on top of the mountains"* (n=2); *"acho até piada às eólicas [...] não acho que desfeie a paisagem [...] acho que até embeleza a paisagem"* (n=1); *"curioso que não me choca [enquadramento paisagístico]"* (n=1); *"they are pretty"*

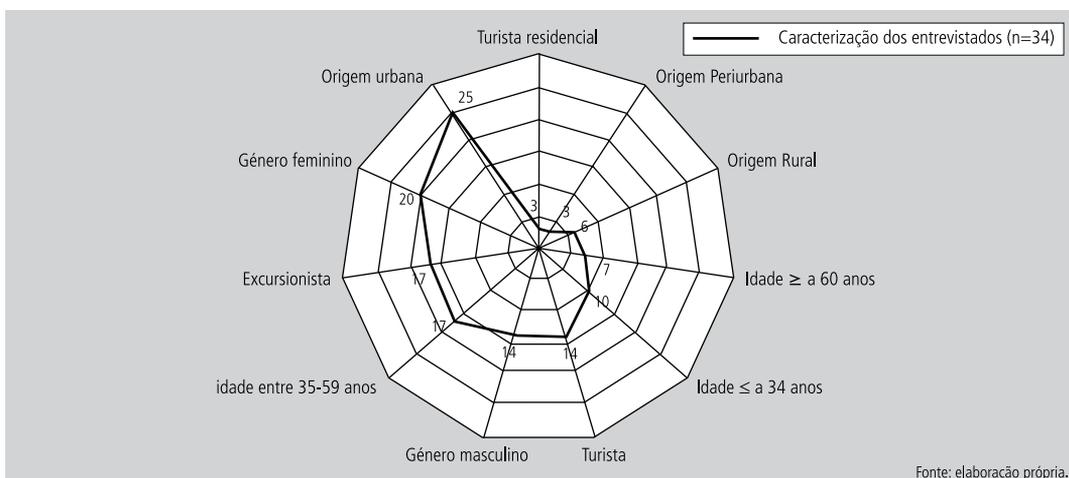


Figura 6 | Caracterização dos entrevistados em Linhares da Beira.

Fonte: elaboração própria.

(n=1); *"they are quite inspiring"* (n=1); *"do ponto de vista das emissões de carbono [...] é positivo"* (n=1); *"[população] a beneficiar bastante com isso"* (n=3); ou que *"até deviam fazer mais"* (n=2). Outros entrevistados referem aspetos relativos aos locais de implantação destes projetos, ou seja, aproveitamento de *"zonas muito ventosas"* (n=2) ou de *"sítios onde há muito vento e não há população...nas serras"* (n=1); *"high in the mountains [where] actually almost nothing growing"* (n=1). Já 2 inquiridos associam estas infraestruturas aos tradicionais "moinhos de vento", através de expressões como *"então primeiro não havia os moinhos e isso tudo?"* e *"simpatizo com 'os moinhos de vento' porque recortados nas serras lhes acrescentam a beleza do sonho de D. Quixote"*, contrariamente a outros inquiridos que os visionam como objetos que simbolizam o "moderno" (n=4) e *"new technology"* (n=1) ou *"uma marca de desenvolvimento"* (n=3).

Numa perspetiva de meio-termo sobre os parques eólicos alguns dos entrevistados mencionam que as *"pessoas se habituam"* (n=2), que *"tem os seus lados positivos e negativos"* (n=3), que *"pode ser complicado em termos de equilíbrio com a paisagem, mas [...] ali uma refinaria em cima [...] seria muito pior"* (n=1), ou ainda que os *"valoro como algo neutro, porque entiendo su beneficio, pero por outro lado el impacto visual es muy alto"* (n=1). Considerando as duas últimas afirmações, e com uma visão negativa, ainda mais 5 inquiridos mencionaram impactes visuais, em maior ou menor grau, na paisagem (por exemplo, *"um equipamento grande que se avista ao longe"*; *"estraga um bocadinho [a paisagem]"*; *"custa muito ver do alto das serras...[na] paisagem natural choca-me um bocado"*). Outros aspetos negativos referidos foram o impacto sonoro - *"faz muito ruído"* (n=5), que *"interfere [...] com algumas coisas localmente"* (n=1), ou *"para [...] o parapente [...] na descolagem, é que mete medo"* (n=1). Ao nível de perceções sobre impactes no ambiente ou natureza, as opiniões também variam desde o *"sem impacte no ambiente"* (n=6), à menção de impactos positivos (n=7) - por

exemplo, na *"preservação [...] de natureza"*, de influência positiva na qualidade do ar, na poupança dos recursos fósseis, ou na transmissão de uma mensagem "ecológica" - mas igualmente de impactes negativos (n=4), dado os parques eólicos serem *"uma coisa artificial"* e *"devido à grandiosidade das torres"*, podendo causar distúrbios ao nível do solo durante a sua construção - *"go into the land to build them"* (n=1). Outros inquiridos referem um possível "efeito perverso" nas aves (n=2) ou fauna - *"it's noisy and it makes them to go away"* (n=1).

A maioria dos entrevistados tem conhecimento da existência de parques eólicos na envolvente de Linhares da Beira (n=22), segundo afirmações como *"avista [-se] perfeitamente aqui da aldeia"*, ou então no território nacional, por viverem nas suas proximidades - *"na minha zona também existe"* ou *"we can see them from our house [na Aldeia das Dez]"*, ou através de viagens que realizaram - *"temos visto [...] muitas ventoinhas pelo caminho"*, inclusive visitantes estrangeiros - *"we saw a lot"* ou *"have seen them when we were driving"*, que fazem comparações com a realidade do seu país de origem - *"en Portugal no he visto tanto [...] pero en España [...] nos es raro que no subas en una montaña y encuentres un parque eólico"* (n=1) ou *"in France it is getting more and more popular"* (n=1) ou *"we have them in England as well"* (n=2). Dois inquiridos salientam a expansão destes projetos no meio rural e no país, e outros deixam um alerta em como *"não devia haver muito mais"* (n=1), *"não [...] é agora encher o país ou a paisagem de parques eólicos"* (n=1) ou *"if there are not too many"* (n=1).

Este alerta dos entrevistados poderá estar estreitamente relacionado com a sua perceção sobre a influência na experiência turística do destino (Figura 7), resultante da presença de parques eólicos, tendo em conta o comentário de dois visitantes estrangeiros - *"personally I don't mind, if there are not too many [otherwise] it would influence me"* ou *"in the moment it is only a few, but if it's started to get more and more I think it would be ugly"*. Um outro inquirido afirma que *"[infraestrutura eólica] está*

suficientemente afastada para [...] não misturarmos a aldeia com o parque". Assim, reveladoras de uma possível influência negativa na experiência turística temos 3 opiniões, uma de um inquirido que refere que "é capaz de influenciar um bocadinho" e duas outras, mais vincadas, de um visitante que afirma que "as torres [eólicas] são sempre um elemento dissonante [...] no imaginário que se forma e que leva à criação do motivo para a visita", e de um praticante de parapente que refere que, para esta atividade desportiva, a presença de aerogeradores "é uma chatice grande" (apesar de afirmar, "venho na mesma", ou seja, não deixa de vir praticar em locais onde existam essas infraestruturas). Já no sentido de uma possível influência positiva temos 6 inquiridos que afirmam, por exemplo: "gostei [...] de ver"; "gosto que haja essas coisas [parques eólicos]"; "influencia, por acrescentar diferença à paisagem"; "influencia, pois é uma demonstração de preocupação com as questões ambientais que valorizo". Todavia, uma maioria de opiniões como, por exemplo, "I don't think so", "nada a ver", "é indiferente", "si el sitio te gusta" (n=21), parece sugerir que a existência destas infraestruturas no destino não tem particular influência na sua experiência turística nem na sua vontade em visitar - "não [não desincentiva], antes pelo contrário" (n=1), ou até mesmo em regressar, ainda que venham a surgir mais projetos eólicos - "yes, I would [come back]. It doesn't bother me" (n=1).

Desta forma, no contexto de possíveis impactes para o sector do turismo, temos opiniões negativas como: "há pessoas [...] que querem estar no estado da natureza mesmo pura e que não gostam de ver" (n=1); "para o tipo de turismo que se está a fazer nestas aldeias [...] tem um impacto negativo" (n=1); "ça peut avoir un impact negative [s'il y a trop]" (n=1). Um outro inquirido estrangeiro refere, neste âmbito, aspetos como "[algún turista] extraña y se le molesta", e "un turista siempre busca la esencia y un parque no es la esencia, es la modernidad puesta en medio de la montaña", rematando porém que "otra cosa es que sus beneficios están por encima de lo que piensa el turismo". Numa perspetiva mais positiva, de incremento da visibilidade turística da região, temos 6 inquiridos que afirmam: "[for tourism] it could be interesting"; "se calhar [ajudaria a] trazer mais pessoas [...] a zona ficar mais conhecida"; "é positivo as pessoas sabermos que o país está vocacionado para essas coisas"; "como pretexto de visita ao parque [...] fazer com que o número de visitas aumentem na aldeia"; "há pessoas que gostariam de visitar os parques e estando perto poderão visitar a aldeia"; "penso que pode incentivá-los [visitantes] a ir ver [os parques eólicos e percursos pedestres associados]". Mas, no geral, os entrevistados (n=9) mencionam não existir nenhum (ou baixo) impacte no turismo ou influência sobre o turista, como exemplificam os comentários - "it's not a great deal, I don't think", "não tem

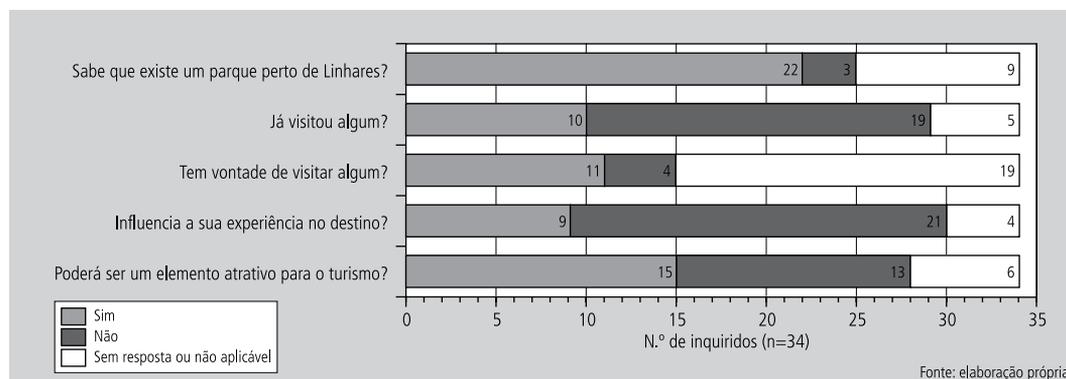


Figura 7 | Opiniões sobre os parques eólicos e a experiência turística.

nenhuma influência” ou “acho que não afeta muito porque está assim afastado”.

Assim, quando questionados especificamente sobre se os parques eólicos poderiam vir a ser considerados um elemento atrativo para os visitantes num destino (Figura 7), 15 inquiridos concordaram que sim (um inquirido referiu, por exemplo, *“meu cunhado [...] um grande apreciador e [...] era uma das coisas que o podia trazer cá”*). Em especial, em *“algumas encostas e [zonas] de montanha que não têm interesse de maior”*, e caso essas infraestruturas estejam sinalizadas e *“com painéis de informação que expliquem o que é o parque”*, ou tenham associado um tipo de centro de educação ambiental (dado poder, por exemplo, *“ser apelativo para visitantes com interesse nas áreas das tecnologias e da preservação ambiental”*, ou para praticantes de um *“turismo ecológico”*) ou algum tipo de oferta de atividades - por exemplo, percursos pedestres ou de BTT - podendo constituir um novo *“ponto de interesse”* turístico. No sentido contrário temos 13 inquiridos que não concordam que os parques eólicos possam vir a ser considerados um elemento atrativo para o turismo, por razões como, estas infraestruturas serem desinteressantes para a maior parte das pessoas - *“not a big issue”*; *“nem tem interesse”*; *“não atrai”*, *“não ligam muito”*, *“ninguém iria atrás de uma usina eólica”*, ou pelo facto de com *“a informação que [...] têm, já sabem o que é”*.

Com base na Figura 7, verificamos que 10 inquiridos já tiveram a curiosidade de visitar um parque eólico (por exemplo, *“já estive junto de 2 ou 3 torres”*), ao contrário de 19 entrevistados que nunca o fizeram (por exemplo, *“ainda não visitei nenhum por falta de tempo”*; *“não sei se [...] há essa oportunidade se não”*). Um visitante espanhol fez a comparação com a situação no seu país, dizendo que *“visitar, no lo sé se aqui se hace, pero en España no se visitan. Pasas por allí, pero no hay visitas”*. Desse grupo de 19, somente 4 inquiridos afirmaram não estar interessados em visitar uma destas infraestruturas (por exemplo, *“não tenho vontade de ver pois*

[...] não quero perder a imagem romântica que tenho deles”; *“não faz parte das minhas prioridades conhecer”*; *“it wouldn’t be interesting”*), contrariamente a 11 inquiridos que disseram ter interesse em o fazer (por exemplo, *“sim, bastante”*; *“I would like to see it once”*; *“curiosidade em conhecer como funciona”*). Um dos visitantes até referiu que iria ver um em breve - *“Beja, vou lá a um parque eólico [...] vamos para uma concentração de autocaravanas, com outros colegas, e uma das visitas é precisamente ao parque eólico naquela zona”*.

6. Discussão e possíveis implicações para o marketing do destino

De acordo com Kastenholz *et al.* (*in press*), as principais motivações dos visitantes para visitarem a aldeia de Linhares da Beira estão relacionadas com a sua riqueza histórico-cultural e património edificado. Estes autores também salientam que, associadas a impressões positivas, foram mencionadas características da paisagem natural e montanhosa como imagens que os visitantes retêm do local, revelando a importância dos itens de cariz estético na experiência turística rural.

Num espaço de carácter multifuncional como é o meio rural, as suas características estéticas/ cénicas poderão ser influenciadas por diversos fatores como, por exemplo, a produção agro-silva-pastorícia, o desenvolvimento recreativo e turístico, e as atividades de exploração do sector mineiro e energético - caso da energia eólica e infraestruturas associadas. A implantação de parques eólicos e a possibilidade de um impacto visual muito acentuado poderá vir, talvez, a influenciar a qualidade da experiência turística rural. Contudo, a opinião do visitante sobre o tipo e magnitude do impacto dos parques eólicos tem implícito um elevado grau de subjetividade, ou seja, diferentes formas de compreender, interpretar e valorizar o que se vê (Devlin, 2002). Esta percepção

pode ser, assim, afetada por fatores como: a intrusão visual (valor estético) dos aerogeradores; a poluição sonora; a noção da necessidade e eficiência deste tipo de energia; o nível de conhecimento e informação relacionados com o assunto; a proximidade/ distância ao local de implantação dos aerogeradores; os efeitos no ambiente/ natureza (por exemplo, nas aves) (Devlin, 2002). Pode ser também influenciada pelo tipo de meio, urbano ou rural, que constitui a base diária da vivência quotidiana. Como sugerem os resultados do estudo de Kastenzholz *et al.* (*in press*), o contraste com a rotina e stress da vida citadina é um tema dominante referido pelos visitantes de origem urbana para justificar e interpretar a sua experiência em destinos rurais.

Desta forma, este tipo de infraestruturas, se percecionado pelos visitantes como objeto com carácter urbano, poderá ser visto como um elemento “deslocado” numa paisagem rural (Nadaï e Van der Horst, 2010). Considerando os resultados obtidos neste estudo exploratório verifica-se uma diversidade de opiniões sobre a temática. De facto, alguns visitantes percecionam os parques eólicos como uma marca de progresso e de desenvolvimento da região, num sentido positivo da dinâmica evolutiva dos territórios. Já para outros, a sua presença num meio de carácter natural/ rural irá constituir uma ameaça à imagem idealizada do rural – um “rural para visitar” – um local de descanso, de revitalização ou de contemplação (Figueiredo, 2003). Contudo, alguns visitantes poderão associar as torres eólicas a uma nova versão dos tradicionais “moinhos de vento”, presentes, num passado recente, em muitos montes e serras ventosas do país. Houve então quem se referisse aos parques eólicos como objetos que até embelezam a paisagem rural, acrescentando novos pontos de interesse a zonas que, de outro modo, até poderiam ser percecionadas como agrestes e de grande monotonia visual (caso dos topos das serras), enquanto outros visitantes consideram que são estruturas que não se integram de forma alguma no meio circundante (em especial, pela sua

dimensão e posicionamento). No meio-termo temos os que referem que os parques eólicos têm quer o seu lado positivo quer o seu lado negativo, e o seu custo-benefício. Esta diversidade de atitudes dos inquiridos, face aos parques eólicos em meio rural, pode estar relacionada com o tipo de preferências por paisagens mais humanizadas ou menos humanizadas, parecendo evidente que a maioria das pessoas prefere um “meio-termo” ao deslocar-se a espaços naturais (Rodrigues e Kastenzholz, 2010). Contudo, é de salientar que mesmo opiniões mais favoráveis poderão vir a ser modificadas caso haja um aumento significativo de parques eólicos no país e nas paisagens rurais/ naturais.

De um modo geral, podemos dizer que os resultados obtidos vão ao encontro do apoio generalizado à energia eólica, revelado em diversas sondagens de opinião (Devine-Wright, 2005), inclusive em território nacional (European Commission, 2007), dada a sua perceção como energia renovável, limpa e não poluente para o ambiente. Contudo, seria interessante avaliar, em investigações futuras, se este aparente apoio poderá ter implícito o ser “politicamente correto” ou o “socialmente aceitável”. No caso específico dos parques eólicos, os resultados obtidos parecem também corroborar os de outros estudos (ver, por exemplo, Frantál e Kunc, 2011) nos quais se percecionaram os parques eólicos como um elemento neutro ou até positivo, mesmo após uma avaliação negativa do seu impacte na paisagem. A presença destas infraestruturas não parece afetar, assim, a decisão dos inquiridos em visitar a aldeia histórica ou em um dia regressar.

Sendo esta aldeia também conhecida como a “Capital do Parapente”, parece importante vir a aprofundar, em estudos futuros, quais os possíveis impactes ao nível da experiência turística dos praticantes desta atividade desportiva. Contudo, a maioria dos visitantes referiu que a existência de parques eólicos no destino visitado não tem particular influência na sua experiência turística, mesmo tratando-se de uma experiência no âmbito de um

turismo de carácter “funcionalmente” rural (Lane, 1994). Vários deles até já visitaram parques eólicos, geralmente, por curiosidade em ver de perto estas estruturas, outros contudo ainda não o fizeram por não saberem que tal seria possível ou simplesmente por não terem qualquer interesse nisso. Nesse sentido, parece ser evidente um certo equilíbrio entre o número de inquiridos que acham que os parques eólicos poderão vir a ser um elemento atrativo para o turismo e os que acham o contrário.

Tendo em conta a realidade da presença destas infraestruturas no espaço rural, e no caso específico, nas proximidades desta aldeia histórica, uma aposta na consciencialização/ informação dos visitantes - por exemplo, através da divulgação de panfletos sobre a existência do “Trilho da Serra do Ralo” em locais-chave como o Posto de Turismo, unidades de alojamento e de restauração ou loja de artesanato – poderá levar a que estes elementos, porventura “estranhos” na paisagem, venham a ser percebidos como um complemento dos atributos naturais existentes (Deng *et al.*, 2002). Tal poderia, possivelmente, vir a contribuir para uma melhoria da experiência turística, no âmbito do turismo rural. Por exemplo, Frantál e Kunc (2011) sugerem que os parques eólicos podem ser utilizados no desenvolvimento de novas formas de turismo se associados, por exemplo, a centros de educação ambiental, a torres de observação ou a percursos de natureza [pedestres ou de BTT, dados os novos acessos criados]. Isto leva-nos a sugerir que, certos parques eólicos, como o da Serra do Ralo, terão potencial para serem incorporados num produto turístico rural diversificado, se integrado nos objetivos de desenvolvimento local. Desta forma, considerando o crescente interesse do público por questões ambientais e novas tecnologias (na Dinamarca, por exemplo, os parques eólicos são utilizados para marketing do “turismo verde”) (Bergmann *et al.*, 2008), um bom planeamento/ gestão do destino e estratégias de marketing que visem captar esses segmentos de visitantes, poderão dar um novo contributo para a atratividade da região.

Referências bibliográficas

- Afonso, A., Mendes, C., 2010, Energia eólica y paisajes protegidos: controversias en el Parque Natural de Montesinho, *Nimbus*, Vol. 25/26, pp. 5-19.
- AHP, 2010, *Fluxo de turistas nas Aldeias Históricas no período 2005-2009*, [<http://www.aldeiahistoricasdeportugal.com/>], (Site acedido em 05 janeiro 2012).
- Aitchison, C., 2004, *Fullabrook wind farm proposal, North Devon*, [<http://www.devonwindpower.co.uk/pdf/tia.pdf>], (Site acedido em 25 outubro 2010).
- Almeida, C., 2001, Os recursos naturais no desenvolvimento da região da Serra da Estrela, Comunicação no 1º Congresso de Estudos Rurais: Ambiente e Usos do Território, [<http://home.utad.pt/~des/cer/CER/DOWNLOAD/2007.PDF>], (Site acedido em 08 janeiro 2012).
- Alter, M., 2007, A integração do turismo no desenvolvimento rural: a experiência do LEADER no Alentejo Central, in Borrallho, R., Pinto-Correia, T. e Sousa, C. (coords.), Livro de resumos do Seminário, *O turismo no espaço rural e a multifuncionalidade da paisagem*, 23 de maio, Évora, p. 10.
- APREN, 2010, *Roteiro nacional das energias renováveis*, [http://www.apren.pt/fotos/editor2/divulgacao/roadmap_apren_vfinal_18_03_2010.pdf], (Site acedido em 23 outubro 2010).
- Barbosa, A., 1990, *À descoberta da Estrela: rede de percursos pedestres de grande rota - Parque Natural da Serra da Estrela*, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Bergmann, A., Colombo, S., Hanley, N., 2008, Rural versus urban preferences for renewable energy developments, *Ecological Economics*, Vol.65, pp. 616-625.
- Cassin, M., Zolin, B., 2009, Can wind energy make a real contribution to improve the quality of life of rural/remote areas? – The European Union and India compared, *Transition Studies Review*, Vol.16, pp. 735-754.
- Chhetri, P., Arrowsmith, C., Jackson, M., 2004, Determining hiking experiences in nature-based tourist destinations, *Tourism Management*, Vol.25, pp. 31-43.
- CMCB, 2005, *Fluxo de visitantes no posto de turismo entre 2002 e 2004*, Gabinete de Turismo da Câmara Municipal de Celorico da Beira, não publicado.
- CMCB, 2009, [<http://www.cm-celorico-dabeira.pt>], (Site acedido em 8 dezembro 2011).
- Coelho, C., 2007, *Avaliação dos impactes ambientais dos parques eólicos em áreas protegidas: o caso de estudo do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Cohen, E., 1979, A phenomenology of tourist experiences, *Sociology*, Vol.13, pp. 179-201.
- Deng, J., King, B., Bauer, T., 2002, Evaluating natural attractions for tourism, *Annals of Tourism Research*, Vol.29(2), pp. 422-438.
- Denzin, N., 2009, *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*, Transaction Publishers, New Jersey.
- Devine-Wright, P., 2005, Beyond NIMBYism: towards an integrated framework for understanding public perceptions of wind energy, *Wind Energy*, Vol.8, pp. 125-139.
- Devlin, E., 2002, *Factors affecting public acceptance of wind turbines in Sweden*, Tese de Mestrado, Lund University, Sweden.

- Eysenck, M., Keane, M., 1990, *Cognitive psychology – a student's handbook*, Lawrence Erlbaum Associates, London.
- European Commission, 2007, *Energy technologies: knowledge, perception, measures*, [http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_262_en.pdf], (Site acedido em 30 setembro 2011).
- Figueiredo, E., 2003, *Um rural para viver, outro para visitar – o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Portugal.
- Fleischer, A., Tchetchik, A., 2005, Does rural tourism benefit from agriculture?, *Tourist Management*, Vol.26, pp. 493-501.
- Fløysand, A., Jakobsen, S., 2007, Commodification of rural places: a narrative of social fields, rural development, and football, *Journal of Rural Studies*, Vol.23(2), pp. 206-221.
- Frantál, B., Kunc, J., 2011, Wind turbines in tourism landscapes - Czech experience, *Annals of Tourism Research*, Vol.38(2), pp. 499-519.
- Garrod, B., Wornell, R., Youell, R., 2006, Re-conceptualising rural resources as countryside capital: the case of rural tourism, *Journal of Rural Studies*, Vol.22, pp. 117-128.
- GDF SUEZ, 2011, [<http://www.gdfsuez-energia.pt>], (Site acedido em 21 outubro 2011).
- ICN, 2005, [<http://portal.icnb.pt/>], (Site acedido em 28 dezembro 2011).
- Jesus, J., Freire, O., 2004, *Parque Eólico de Videmonte: estudo de impacto ambiental (resumo não técnico)*, [http://www2.apambiente.pt/IPAMB_DPP/docs/RNT1154.pdf], (Site acedido em 07 janeiro 2012).
- Kastenholz, E., 2010, Experiência global em turismo rural e desenvolvimento sustentável das comunidades locais, in Figueiredo, E., Kastenholz, E., Eusébio, M., Gomes, M., Carneiro, M., Batista, P. e Valente, S. (eds.), *Livro de Atas do 4º Congresso de Estudos Rurais: Mundos Rurais em Portugal – múltiplos olhares, múltiplos futuros*, 4-6 de fevereiro, Aveiro, pp. 420-435.
- Kastenholz, E., Carneiro, M., Marques, C., Lima, J., *in press*, Understanding and managing the rural tourism experience – the case of a historical village in Portugal, *Tourism Management Perspectives*.
- Lane, B., 1994, What is rural tourism?, *Journal of Sustainable Tourism*, Vol.2(1/2), pp. 7-21.
- Lane, B., 2009, Rural Tourism: an overview, in Jamal, T. e Robinson, M. (eds.), *The SAGE Handbook of Tourism Studies*, Sage Publications, London, pp. 354-370.
- McAreevey, R., McDonagh, J., 2010, Sustainable rural tourism: lessons for rural development, *Sociologia Ruralis*, Vol.51(2), pp. 175-194.
- McCracken, G., 1988, *The Long Interview*, SAGE Publications, California.
- Nadaï, A., Van Der Horst, D., 2010, Wind power planning, landscapes and publics (Editorial), *Land Use Policy*, Vol.27, pp. 181-184.
- Oh, H., Fiore, A., Jeoung, M., 2007, Measuring experience economy concepts: tourism applications, *Journal of Travel Research*, Vol.46, pp. 119-132.
- Rodrigues, A., Kastenholz, E., 2010, Sentir a natureza – passeios pedestres como elementos centrais de uma experiência turística, *Revista Turismo e Desenvolvimento*, Vol.13/14 (2), pp. 719-728.
- Saarinen, J., 2006, Traditions of sustainability in tourism studies, *Annals of Tourism Research*, Vol.33(4), pp. 1121-1140.
- Saxena, G., Clark, G., Oliver, T., Ibery, B., 2007, Conceptualizing integrated rural tourism, *Tourism Geographies*, Vol.9(4), pp. 347-370.
- Schwandt, T., 2000, Three epistemological stances for qualitative inquiry – interpretivism, hermeneutics, and social constructionism, in Denzin, N. e Lincoln, Y. (eds.), *Handbook of qualitative research*, SAGE Publications, California, pp. 189-213.
- Sharpley, R., 2009, *Tourism development and the environment: beyond sustainability?*, Earthscan, London.
- Short, L., 2002, Wind power and English landscape identity, in Pasqualetti, M., Gipe, P. e Righter, R. (eds.), *Wind power in view: energy landscapes in a crowded world*, Academic Press, California, pp. 43-58.
- Silva, J., Perna, F., 2009, Turismo e desenvolvimento auto-sustentado, in Costa, J. e Nijkamp, P. (coords.), *Compêndio de Economia Regional – volume I: teoria, temáticas e políticas*, Príncipia Editora, Cascais, pp. 477-498.
- Stake, R., 2000, Case studies, in Denzin, N. e Lincoln, Y. (eds.), *Handbook of qualitative research*, SAGE Publications, California, pp. 435-454.
- Valente, S., Figueiredo, E., 2003, O turismo que existe não é aquele que se quer, in Simões, O. e Cristóvão, A. (orgs.), *TERN – Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, IPC - Inovar para crescer, Coimbra, pp. 95-106.
- Van Der Horst, D., Lozada-Ellison, L., 2010, Conflictos entre las energías renovables y el paisaje: siete mitos y la propuesta de manejo adaptativo y colaborativo, *Nimbus*, Vol.25/26, pp. 231-251.
- Warren, C., Birnie, R., 2009, Re-powering Scotland: wind farms and the 'Energy or Environment?' Debate, *Scottish Geographical Journal*, Vol.125(2), pp. 97-126.
- Wolsink, M., 2007, Wind power implementation: the nature of public attitudes: equity and fairness instead of 'backyard motives', *Renewable and Sustainable Energy Reviews*, Vol.11, pp. 1188-1207.
- Yin, R., 2003, Case study research: design and methods, in Bickman, L. e Rog, D. (eds.), *Applied Social Research Methods Series*, SAGE Publications, California, pp. 1-18.